

Jornalismo e Quadrinhos – uma relação antiga

Journalism and Comics – an old relationship

Ivan Carlo Andrade de Oliveira
Rafael Senra

Resumo: O artigo pretende fazer uma revisão bibliográfica, indicando a relação entre jornalismo e quadrinhos – uma relação que encontrou seu auge no Jornalismo em Quadrinhos. O termo foi criado por Joe Sacco para se referir ao seu trabalho, mas pode se referir a uma miríade de outras HQs, que vão de graphic novels a matérias publicadas em jornais diários.

Palavras-chave: Jornalismo em Quadrinhos, Graphic Novel, Arte Sequencial.

Abstract: The article intends to make a bibliographic review, indicating the relationship between journalism and comics - a relationship that found its peak in Journalism in Comics. The term was created by Joe Sacco to refer to his work, but it can refer to a myriad of other comics, ranging from graphic novels to articles published in daily newspapers.
Keywords: Journalism in Comics, Graphic Novel, Sequential Art.

Ivan Carlo Andrade de Oliveira. Doutor em Arte e Cultura Visual. Professor da Unifap, Universidade Federal do Amapá.

Rafael Senra. Professor Doutor de Literatura no Departamento de Letras da Universidade Federal do Amapá.

Introdução

Os campos do jornalismo e dos quadrinhos têm uma relação antiga e quase indissociável. Ambos surgem dentro do mesmo contexto social e tecnológico. Na primeira metade do século XIX, a progressiva industrialização, aliada ao surgimento de novas técnicas de impressão e ao crescimento da população urbana criaram o ambiente favorável para o surgimento da imprensa e da indústria editorial.

Segundo Srbek,

Paralelamente ao crescimento da população, ampliava-se as políticas de educação e o consequente aumento do número de leitores em potencial, o que possibilitava aos editores aumentar e diversificar as tiragens, barateando os produtos, o que atraía novos leitores. Essas condições favoráveis levaram a uma maior concorrência entre os editores europeus, que motivou o surgimento de veículos especializados (como os periódicos ilustrados *La Caricature*, *La Charavari* e *Punch*) (...) (SRBEK, 2014, p. 22).

Foi nesse contexto que o suíço Rodolphe Topffer criou aquela que muitos consideram a primeira história em quadrinhos, *Les amours de Monsieur Vieux-bois*, publicado na década de 1820. Em 1842 esses quadrinhos são publicados em um jornal de Nova York, o *Brother Jonathan*.

Essa, que foi a primeira interação entre jornalismo e quadrinhos não seria a única. O jornalismo de massa, chamado de *penny press*, tinha como uma de suas principais âncoras a publicação de histórias em quadrinhos.

No século XIX, cidades como Nova York vivenciavam um forte desenvolvimento econômico aliado a uma grande massa de pessoas alfabetizadas sedentas por informações. Além disso, o surgimento da publicidade e o desenvolvimento de técnicas de impressão que possi-

bilitavam a publicação de tiragens astronômicas formaram o ambiente propício para essa indústria:

Estimulados pela concorrência, os editores investiram em novas formas de conquistar leitores, como a fotografia (que substituiu os desenhistas na função de “retratar” as notícias) ou as páginas e suplementos ilustrados (que davam destaque aos desenhos humorísticos e aos quadrinhos) (SRBEK, 2014, p. 25).

O primeiro personagem de quadrinhos norte-americano, *Yellow Kid*, de Richard Outcault, publicado pela primeira vez em 1896, seria disputado e publicado pelos dois principais *penny press*: o *New York World*, de Joseph Pullitzer e o *New York Journal American*, de William Randolph Hearst – razão pela qual, nos EUA, o jornalismo sensacionalista é chamado de *yellow journalism*. O personagem inclusive teria servido para que os impressores testassem o uso de cores no jornal – o amarelo do camisolão do personagem foi escolhido porque essa era a cor que apresentava melhor qualidade de impressão.

No Brasil, essa relação se estabelece com a publicação, por parte do italiano naturalizado brasileiro Angelo Agostini da série *Nhô Quim ou impressões de uma viagem à corte*, publicado em 1869 na revista *Vida Fluminense*.

O próprio Angelo Agostini já faria, em 17 de setembro de 1865, o que pode ser chamado de uma notícia em quadrinhos. Publicada no jornal *O Cambrião*, a matéria descrevia um acidente de trem.

A sequência de desenhos não tinha uma reportagem de apoio. As informações eram transmitidas unicamente através dos desenhos e das legendas. A primeira imagem mostrava o acidente do trem. A segunda descrevia como o trem havia parado na vala da várzea. Na terceira, o leitor via os frades do Seminário prestando os primeiros socorros aos feridos. O interessante aí é que texto e imagem eram complementares (DANTON, 2022, p. 21-22).

Ao longo da história, os quadrinhos continuaram sendo associados aos jornais na publicação de tiras e páginas dominicais ou de suplementos. Segundo Antonio Aristides Corrêa,

Desde o Século XVIII que os jornais têm charges, cartuns e até mesmo quadrinhos. A charge inglesa desse período, inclusive, já tinha até balão. E desde então, praticamente não há jornal no mundo sem seus cartunistas. Angelo Agostini, o italiano que trouxe os quadrinhos para o Brasil, publicava suas HQs em jornais em plena metade do Século XIX. Desde o início do Século XX, todo grande jornal tem sua seção de tirinhas de quadrinhos, suas charges e suas caricaturas. Muitas vezes, a charge vale por um editorial e vem em destaque na primeira página. Além disso, os ilustradores das matérias jornalísticas frequentemente constroem pequenas narrativas em quadrinhos para fazer a reconstituição de crimes ou outros acontecimentos (DUTRA, 2002, p. 11).

O jornalismo em quadrinhos

Embora essa relação entre jornalismo e quadrinhos fosse íntima desde o início, as primeiras iniciativas do que pode ser considerado Jornalismo em Quadrinhos só surgiriam a partir da revolucionária geração de quadrinistas dos anos 1960, e, mais especificamente, de um de seus frutos: o quadrinho underground. Esses quadrinhos “operaram uma inversão maliciosa de valores ao trazer histórias sujas, cruéis e realistas para uma linguagem onde antes reinavam alegres bichinhos falantes e exemplares e corajosos heróis” (DUTRA, 2021). Basta dizer que Joe Sacco e Art Spiegelman, dois dos nomes mais importantes do Jornalismo em Quadrinhos, começaram suas carreiras em publicações underground.

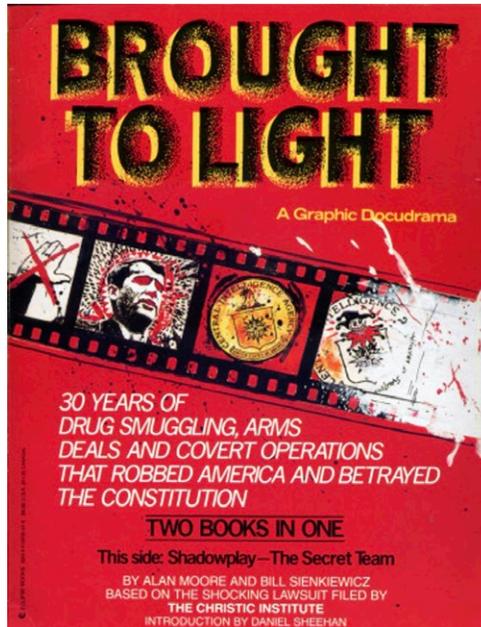
Outro marco importante é a criação das *graphic novels*. Embora haja uma discussão sobre quem realmente criou o termo, *Um contrato com Deus*, de Will Eisner, é indubitavelmente um marco. O álbum, formado por várias histórias, é baseado nas experiências do autor com

os cortiços judeus de Nova York, temática que fugia das características ficcionais costumeiras dos quadrinhos.

Mas um dos primeiros exemplos do que viria a ser chamado de Jornalismo em Quadrinhos foi o álbum *Brought to Light*, lançado em 1989. A obra, chamada de *graphic docudrama*, tinha dois capítulos:

A primeira história, *Flahspoint – the LaPenca bombing*, com texto de Joyce Brabner e desenhos de Tomas Yeates, fala do envolvimento da CIA no atentado para matar Eden Pastora, líder dos Contra, em 1984 na Nicarágua e em outras ações na América Latina. O texto e os desenhos seguem uma linha bem tradicional de docudrama e se baseiam em investigações/testemunho dos jornalistas Martha Honey e Tony Avirgan. Por outro lado, a segunda história, *Shadowplay – the secret team*, com texto de Alan Moore e desenhos de Bill Sienkiewicz, é uma fantasia em tom de fábula que complementa a primeira. Em um bar decadente, uma águia americana antropomorfizada oferece seus ‘serviços patrióticos’ de extrema direita enquanto relata alguns ‘casos de sucesso’ de suas ações na América Latina. Os dados foram extraídos da Declaração de Evidência elaborada pelo Christic Institute. O desenho é expressionista e cheio de ousadias gráficas, um belo exemplo do trabalho de um artista então no auge da fama. (DUTRA, 2022, p. 11).

Figura 1: Brought to light, um dos primeiros exemplos do Jornalismo em Quadrinhos



Fonte: Danton, 2022

Maus, de Art Spiegelman, lançado entre 1986 e 1992, é outro exemplo do que viria a ser chamado Jornalismo em Quadrinhos.

Maus, de Art Spiegelman, é uma entrevista no formato de HQ, estendendo-se por mais de 300 páginas. O entrevistador é Spiegelman e o entrevistado Vladek, seu pai, que relata ao filho sua juventude em guetos de judeus na Polônia e seu confinamento em Auschwitz. Embora os personagens sejam graficamente animalizados (judeus são ratos, nazistas são gatos, poloneses são porcos, americanos são cachorros – já o judeu que se passasse por gentio utilizaria máscaras correspondentes à respectiva nacionalidade), as situações descritas são reais. Há em *Maus* muito de metalinguagem e *making of*, pois os bastidores da entrevista são mostrados durante a história, prática também adotada pelos adeptos do *new journalism* Gay Talese e Hunter S. Thompson (OLIVEIRA, 2021).

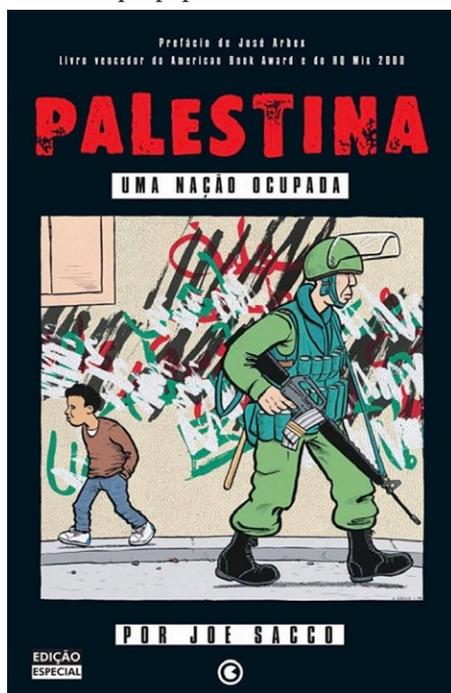
Embora *Maus* não seja uma reportagem tradicional, Dutra (2020) defende que a classificação como jornalismo é plenamente cabível:

Sua narrativa, de teor autobiográfico, se dá em dois tempos. No atual, Spiegelman nos conta a difícil convivência com seu pai Vladek, um judeu mesquinho e pouco emotivo. No tempo passado, a narrativa mostra a dura luta de Vladek para sobreviver em um campo de concentração nazista. O desenho segue a linha despojada dos quadrinhos underground, em sintonia com o texto autobiográfico, recurso que seria depois seguido por Sacco. *Maus* rendeu a Spiegelman um Pulitzer especial em 1992 (o prêmio não prevê a categoria quadrinhos), além de se tornar o argumento-chave na demonstração da maturidade atual da linguagem dos quadrinhos.

No mesmo período em que *Brought to Light* estava sendo publicada, Joe Sacco dava os primeiros passos no que viria a chamar de Jornalismo em Quadrinhos na revista Yahoo. Duas histórias publicadas nessas revistas já tinham características de Jornalismo em Quadrinhos: “Quando bombas boas acontecem a pessoas más” e “Mais mulheres, mais crianças, mais rápido”. A primeira fazia uma retrospectiva histórica dos bombardeios britânicos à população civil alemã durante a Segunda Guerra Mundial. A segunda tratava dos bombardeios italianos a Malta durante o governo de Mussolini. Essa última era baseada em depoimentos de Carmem, a mãe de Sacco.

Formado em jornalismo pela Universidade de Oregon em 1981, Joe Sacco havia se dedicado à carreira de quadrinista e nunca exercera o jornalismo, até que o interesse sobre as questões políticas e sociais da Palestina o levaram a visitar Israel e os territórios ocupados no final de 1991 e início de 1992.

Figura 2: *Palestina* foi a obra que popularizou o termo Jornalismo em Quadrinhos



Fonte: Sacco, 2004

Quando voltou, o autor trouxe consigo a ideia de transformar o material em uma reportagem em quadrinhos. O resultado foi *Palestina – uma nação ocupada*, publicada em fascículos no ano de 1993, e cujas partes depois viriam a ser reunidas em um único *álbum*. O trabalho lhe valeu um prêmio *Harvey Awards*, e, a partir daí, Sacco se dedicaria apenas ao novo gênero batizado por ele, o “Jornalismo em Quadrinhos” ou “Reportagem em Quadrinhos” (*comics journalism* no original). Posteriormente ele publicou *Palestina – na faixa de gaza*.

Estes relatos são o testemunho do repórter durante o período em que ele esteve em Jerusalém e nos territórios ocupados, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, entre dezembro de 1991 e janeiro de 1992. Ao longo de quase dois meses, ele observou e ouviu palestinos e israelenses, anotou depoimentos e fotografou lugares, pessoas e eventos. Assim, ajustando os procedimentos do traba-

lho de reportagem à linguagem da história em quadrinhos, Sacco redescobriu a vocação jornalística desta mídia e, também, a sua própria” (VALLE, p. 34).

Segundo Antônio Aristides Corrêa Dutra (2021), os livros de Joe Sacco resultam da união eficiente de duas linguagens aparentemente díspares: os quadrinhos e o jornalismo.

E funcionam de forma extraordinária. As velhas categorias não podiam mais contê-lo e um novo nome teve que ser cunhado para definir seu trabalho: ‘jornalismo em quadrinhos’ (*comics journalism*). Sacco pertence hoje ao restrito grupo dos autores de histórias em quadrinhos reconhecidos e respeitados dentro e fora de seu meio (DUTRA, 2021).

Na sequência viriam outras reportagens: *Área de Segurança: Gorazde* (2000), *Uma História de Sarajevo* (2003), *War’s End: Profiles from Bosnia 1995-96* (2005), *Notas sobre Gaza* (2010).

Embora vários autores tenham buscado relacionar a obra de Joe Sacco ao jornalismo literário, ao novo jornalismo e ao gonzo jornalismo, Souza Júnior (2021) argumenta que “a estrutura formal da reportagem em quadrinhos remete mais a documentários audiovisuais (a condução das entrevistas com a presença marcante e incisiva do repórter remete ao estilo de documentário desenvolvido por Eduardo Coutinho) do que ao *new journalism*”.

Esse autor defende que, ao estudar a reportagem em quadrinhos apenas no nível do conteúdo, automaticamente acaba-se por rejeitar

(...) o fator primordial que é a reconfiguração de uma prática jornalística sob a luz de uma nova mídia. Como a reportagem em quadrinhos de Sacco emerge a partir de uma tradição quadrinhística consolidada, é importante que se perceba como determinadas obras funcionam como marcos na evolução da lingua-

gem e da aceitação social dos quadrinhos como mídia (SOUZA JÚNIOR, 2021).

Já Roberta Scheibe (2020) argumenta que

(..) esse relato, em HQ's, preserva a linguagem e a estrutura original da reportagem, ou seja, os quadrinhistas resguardam todas as características e os sub-gêneros da reportagem, como a prática da entrevista, o uso do testemunho e a premissa de ouvir fontes de todos os lados de um fato. A estrutura de texto da reportagem, através das HQ's, também é respeitada: há a evidência da narração, descrição e dissertação, do respeito ao narrador e foco narrativo.

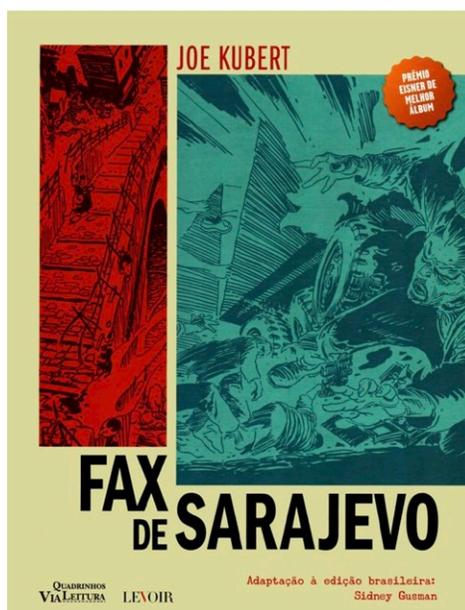
Outras obras de destaque no jornalismo em quadrinhos são *Per-sépolis*, de Marjane Satrapi e *Fax de Saravejo*, de Joe Kubert. *Per-sépolis* narra as mudanças provocadas na sociedade iraniana a partir da ditadura religiosa dos aiatolás. “Satrapi resgata uma história pessoal de longo tempo. Enfatiza suas raízes, os costumes iranianos e a dificuldade de manifestação cultural ocorrida durante a Revolução Xiita. Marjane Satrapi é jornalista e utilizou-se dos quadrinhos para escrever uma reportagem autobiográfica” (SCHEIBE, 2020).

Segundo Roberta Scheibe, Satrapi utiliza-se de um subgênero do jornalismo, a autobiografia:

A autobiografia se caracteriza por mostrar uma experiência de texto de alguém real, ou seja, que tenha uma vida extratextual, e que queria contar as histórias da sua vida. Neste sentido, a autobiografia é autoral, portanto, o autor é o narrador e também o personagem. Deste modo, Satrapi resgata uma história pessoal de longo tempo. Enfatiza suas raízes, os costumes iranianos e a dificuldade de manifestação cultural ocorrida durante a Revolução Xiita. Marjane Satrapi é jornalista e utilizou-se dos quadrinhos para escrever uma reportagem autobiográfica (SHEIBE, 2020).

Ao contrário de Sartrapi e Sacco, que estão mais ligados aos quadrinhos alternativos, Joe Kubert é um respeitável membro da indústria de quadrinhos norte-americana. Famoso por seus trabalhos com super-heróis, ele nunca havia se aventurado no jornalismo em quadrinhos, até que seu agente em Sarajevo começou a lhe enviar faxes sobre a situação da guerra e sobre como esse agente tentava manter vivos tanto ele próprio quanto sua família. A máquina de fax era a única forma que o agente achou de narrar ao mundo alguns acontecimentos bárbaros, como um massacre de civis que ele presenciou. Kubert usou os faxes como base para uma história em quadrinhos, *Fax de Sarajevo*, publicada em 1996 e ganhadora de diversos prêmios. “O que impressiona especialmente em *Fax from Sarajevo* é ver um grande domínio da técnica narrativa tradicional sendo usado para documentar um fato real” (DUTRA, 2020).

Figura 3: A partir dos fax enviados por seu editor, Joe Kubert constrói um relato da guerra



Fonte: Kubert, 2016

Outra obra de um autor tradicional do meio dos quadrinhos que apresenta claras características de Jornalismo em Quadrinhos é *O complô – a história secreta dos Protocolos dos sábios de Sião*, de Will Eisner, lançada em 2005. Eisner efetuou uma longa pesquisa para mostrar os bastidores da criação da fraude histórica, ainda na época da Rússia czarista, descrevendo detalhadamente a forma como os nazistas se apropriaram dessa fraude em sua campanha contra os judeus.

O livro falso foi produzido pela Okhrana (a polícia secreta russa) para convencer o Tzar Nicolau II de que o programa de modernização da Rússia era na verdade uma conspiração judaica para tomada do poder. O panfleto acusava os judeus de manipular os reformistas sociais, a imprensa, o sistema educacional e os movimentos trabalhistas. Insistia que os judeus queriam destruir a civilização cristã e consequentemente tomar o poder para si mesmos.

O resultado disso foram inúmeros pogroms organizados por grupos reacionários como as Centúrias Negras nos quais morreram milhares de judeus.

O panfleto voltou a se tornar popular em 1917, quando os anticomunistas “brancos” o usaram como propaganda, alegando que a revolução era resultado de uma conspiração judaico-bolchevique.

Com a derrota dos brancos, Alfred Rosenberg, chamado por Norman Cohn de fiador do genocídio, importou o livreto para a Alemanha e o usou na campanha nazista. Na Europa dos anos 1920 e 1930 os Protocolos só eram menos populares que a Bíblia e acabaram sendo a base da propaganda nazista, sendo citados inclusive por Hitler no livro *Minha Luta* (DANTON, 2019, p. 74).

Segundo Umberto Eco (2006, p. 7),

O aspecto mais extraordinário dos *Protocolos dos Sábios de Sião* não é tanto a história de seu início, mas a da sua recepção. O fato de que essa farsa foi produzida por serviços secretos e polícias de pelo menos três países, e montada com base numa colagem de textos diferentes, já é bastante conhecida – e Will Eisner conta a história toda, fundamentado nas pesquisas mais recentes.

Existe uma visão equivocada, de que o jornalismo seria caracterizado pela entrevista com fontes testemunhais. Nessa visão, *O Complô* não poderia ser considerado jornalismo. Esse equívoco é provocado pela visão de que o Jornalismo em Quadrinhos (JHQ) seria um gênero em si mesmo, em vez de ser tratado como uma área do jornalismo. Nessa visão, todo exemplo de JHQ deveria seguir o molde dos trabalhos de Joe Sacco: uma reportagem com entrevista de fontes e visita ao local dos acontecimentos.

Augusto Paim critica essa visão e defende que o Jornalismo em Quadrinhos é uma área do Jornalismo, assim como o webjornalismo ou o telejornalismo:

1. Jornalismo em quadrinhos é uma área do jornalismo. 2. O termo descreve o uso da linguagem dos quadrinhos para o exercício das atividades jornalísticas, da mesma forma que os termos “radiojornalismo”, “telejornalismo” e “webjornalismo” são utilizados para descrever campos do jornalismo, nos quais respectivamente o rádio, a televisão e a internet servem de suporte. 3. O termo “jornalismo em quadrinhos” abrange toda a produção de conteúdo jornalístico apresentado em quadrinhos, e as características dessa produção estão atreladas aos gêneros jornalísticos já conhecidos. 4. A necessidade de conduzir entrevistas pessoais ou de o jornalista estar presente no local dos acontecimentos depende do respectivo gênero jornalístico (PAIM, 2020, p. 73).

Danton (2020) defende que há toda uma variedade de fontes que podem ser usadas no Jornalismo em Quadrinhos, entre elas as fontes bibliográficas. Assim, as fontes documentais se tornam um dos elementos de pesquisa à disposição dos repórteres. Eisner é um autor que utiliza desse recurso para construir sua obra *O Complô*.

Há várias outras iniciativas de Jornalismo em Quadrinhos espalhadas em jornais e revistas. A revista *Village Voice*, por exemplo, veiculou uma série de resenhas no formato de quadrinhos, e a *New York* publicou uma aclamada resenha feita pelo quadrinhista Art Spiegelman sobre o romance *As Aventuras de Kavalier e Clay*, de Michael Chabon (que não por acaso tem um roteirista e um desenhista de quadrinhos como protagonistas). No Brasil, podemos destacar as tentativas de construir resenhas em quadrinhos feitas por Allan Sieber para a revista *Trip*, algumas resenhas em quadrinhos publicadas na revista *Bravo!*, ou ainda os seminiais editoriais feitos pelo cartunista Angeli na extinta revista *Chiclete com Banana*.

Mesmo nos dias atuais, é fácil perceber que o campo do Jornalismo em Quadrinhos possui ainda bastante relevância no Brasil. Podemos citar as histórias em quadrinhos jornalísticas com temas esportivos que Roberson Vilabra fez para a *Gazeta do Povo*. Ou a série que Gian Danton produz sobre o tema dos Psicopatas para a revista *Calafrio*. Em 2020, o quadrinista Otoniel Oliveira produziu uma impactante história em quadrinhos sobre o apagão que paralisou o Amapá por 21 dias. A HQ circulou nas redes sociais da internet, com ampla repercussão e compartilhamento por parte dos internautas. Além disso, até mesmo programas televisivos têm usado o recurso: em dezembro de 2020, o programa *Fantástico* usou o recurso de história em quadrinhos para publicar na rede social Facebook um resumo da reportagem “Luakam e suas bonecas”.

Conclusão

Assim, constatamos que o subgênero do Jornalismo em Quadrinhos mostra-se bastante pertinente sob diversos pontos de vista: no caso do jornalismo, a ampla aceitação da crítica especializada e dos leitores prova que é possível exercer, no formato das HQs, todos os elementos necessários para uma boa matéria. No caso dos quadrinhos, a aceitação de crítica e de público é igualmente favorável, e algumas das obras dessa área tornaram-se até mesmo autênticos clássicos do que poderíamos chamar de “cânone” da nona arte.

Referências

AGUIAR, Pablito. Luakan e suas bonecas. In: *Fantástico – O Show da Vida* (perfil do programa no Facebook). Postagem feita em 12 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/Fantastico/posts/3549407358430352>. Acesso em: 12 de março de 2021.

ARBEX, José. Prefácio. In: SACCO, Joe. *Palestina*. São Paulo: Conrad, 2004, p. 7.

DANTON, Gian. *Hiper-realidade e simulacro nos quadrinhos: a fantástica história de Francisco Iwerten*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019.

DANTON, Gian. *Jornalismo em Quadrinhos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2022.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. Quadrinhos e jornal: uma correspondência biunívoca. In: *1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10-encontro-2003-1/quadrinhos%20e%20jornal%20ouma%20correspondencia.doc>. Acesso em: 29 de março de 2020.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. Três camadas da relação entre quadrinhos e jornal. In: *INTERCOM – XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Anais. Salvador: Sociedade Brasileira de Estudos Interdis-

ciplinares da Comunicação, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/19934797/Tr%C3%AAs_camadas_da_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_quadinhos_e_jornal. Acesso em: 20 de março de 2021.

EISNER, Will. *O complô: a história secreta dos Protocolos dos Sábios de Sião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GÜLLICH, Gabriela. NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. Narrativa Jornalística e Quadrinhos: uma análise do trabalho de Sacco. In: *40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Anais. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2017/resumos/R12-2088-1.pdf>. 2021. Acesso em 19 de fevereiro de 2021.

KUBERT, Joe. *Fax de Saravejo*. São Paulo: Via Leitura, 2016.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva. Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos. In: *VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7632430043936828554930579121530054555.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2021.

SACCO, Joe. *Palestina: uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2004.

SCHEIBE, Roberta. “Sub-literatura prejudicial”: As Histórias em Quadrinhos e a sua proximidade com o jornalismo. In: *X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Anais. Boa Vista: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0003-1.pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa da. As Histórias em Quadrinhos como gênero jornalístico híbrido: o Jornalismo em Quadrinhos. In: *XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Anais. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1834-1.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2021.

SOUZA JÚNIOR, Juscelino Neco de. A linguagem dos quadrinhos e o jornalismo. In: *X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Disponí-

vel em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1227-1.html>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2021.

SRBEK, Wellington. *Um mundo em quadrinhos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014.

VALLE, Flávio Pinto. *O boom do jornalismo em quadrinhos: a reivindicação do estatuto jornalístico nas histórias em quadrinhos de Joe Sacco*. 2010. 133f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.